

CHUNG SERANG

PELOS OLHOS DE SISUN

Uma mulher que encontrou beleza
em tempos difíceis. Uma família
redescobrimdo seu legado.



CHUNG SERANG PELOS OLHOS DE SISUN

Uma mulher que encontrou beleza
em tempos difíceis. Uma família
redescobrimdo seu legado.



Tradução
Guilherme Miranda



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © 정세랑, 2020

Publicado originalmente na Coreia pela Munhakdongne Publishing Corp.

Munhakdongne Publishing Corp. c/o The Grayhawk Agency Ltd.,

em acordo com a Agência Literária Riff Ltda.

Copyright da tradução © Guilherme Miranda, 2025

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Todos os direitos reservados.

Título original: 시선으로부터

Preparação: Elisa Martins

Revisão: Laura Figueira e Camila Gonçalves

Projeto gráfico: Maria Beatriz Rosa

Diagramação: Maria Beatriz Rosa e Vivian Oliveira

Capa e ilustração de capa: Eduardo Foresti | Foresti Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Serang, Chung

Pelos olhos de Sisun / Chung Serang ; tradução de Guilherme Miranda. –
São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

272 p. : il.

ISBN 978-85-422-3661-3

Título original: 시선으로부터

1. Ficção sul-coreana I. Título II. Miranda, Guilherme

25-1785

CDD 895.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção sul-coreana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



Capítulo 1

APRESENTADOR *Sra. Shim Sisun, a senhora é a única que está se opondo fortemente à cultura jesa. Quer dizer que também vai recusar as cerimônias fúnebres para a senhora?*

SHIM SISUN *Claro. De que adianta preparar um banquete para os mortos? Esse costume precisa acabar.*

KIM HAENG-RAE *Sua idade não lhe dá o direito de falar com tanta insolência. Você não deveria desprezar nem ridicularizar nossa cultura tradicional.*

SHIM SISUN *De nada adianta quando as intenções por trás das tradições desaparecem, restando apenas as formalidades. Sem contar que o trabalho é pensado para que as mulheres o executem sozinhas. Já falei para minha filha mais velha nem pensar em fazer a jesa para mim.*

APRESENTADOR *Ah, sua filha? Mas a senhora tem um filho homem.*

SHIM SISUN *Meu filho...? Ele? Por que ele? Minha mais velha vai cuidar de todos os assuntos da família quando eu morrer.*

KIM HAENG-RAE *Você realmente escolhe as coisas mais desagradáveis para dizer.*

SHIM SISUN *Entre seu modo de pensar e o meu, são as pessoas do futuro que vão julgar qual levar adiante.*

— trecho do debate televisionado
Previendo o século XXI (1999)

— Deveríamos fazer a jesa para a mãe.

Os irmãos mais novos de Myung-hye ficaram espantados com a declaração no almoço mensal.

— Depois de todo esse tempo? — Myung-eun, a segunda mais velha, com dois anos a menos, perguntou com delicadeza para não soar desafiadora, conhecendo a personalidade de Myung-hye.

— Este ano é o décimo aniversário.

— Mas... a mãe não mandou não fazer? — disse Kyung-ah, a caçula.

O único que continuou a comer sem dizer uma palavra foi Myung-joon, o único filho homem de Shim Sisun. Suas três irmãs se lembravam do ar de perplexidade da mãe ao perguntar “Ele?” em rede nacional. Elas a imitavam vez por outra quando falavam mal de Myung-joon pelas costas, mas se continham na frente dele.

— O próprio Buda disse a seus discípulos que não o venerassem, mas alguém deu ouvidos? Toda a Ásia é coberta de templos. Quero fazer a jesa pela mãe só essa vez, pelo décimo aniversário.

— Nós *fizemos* inúmeras cerimônias para avós que nem conhecemos. Também quero fazer uma pela mãe.

Como sempre, Kyung-ah se deixou persuadir facilmente por Myung-hye. Kyung-ah havia se juntado à família pelo

segundo casamento de Shim Sisun, mas tanto ela como seus três irmãos haviam deixado essas distinções de lado fazia tempo.

— De jeito nenhum. A mãe falou que não queria que fizéssemos. Podemos fazer uma reserva em um bom restaurante como sempre e comer com a foto dela perto de nós ou algo assim — Myung-eun disse.

— Escute. — Myung-hye limpou os óculos e os colocou de novo. — Vamos fazer a cerimônia de jesa no Havaí.

Todos os três irmãos estreitaram os olhos com desconfiança.

— Quê? Você quer voar até lá para fazer panquecas de cebolinha e passar por toda aquela lenga-lenga antiquada?

— Não acho que seja uma boa ideia — Myung-joon entrou na conversa.

— Me deixe terminar. Vocês acham que vamos lá só para fazer a jesa como a mãe odiava? Eu pensei em tudo.

A filha mais velha era a que mais puxara a personalidade intransigente de Shim Sisun. Embora os outros alternassem entre concordância e recusa, sabiam que acabariam seguindo as vontades de Myung-hye.

— Myung-joon, fala para Uyun vir também, já que é bem no meio entre a Califórnia e a Coreia. Compra uma passagem para ela.

Myung-hye era clara em suas ordens.



Uyun ficou sabendo da viagem não pelo pai, mas pela prima Jisoo. Nem mesmo o oceano Pacífico havia enfraquecido seu laço especial de infância. Jisoo falava com Uyun ao telefone com mais frequência do que falava com a irmã mais velha, Hwasoo.

— Se a tia Myung-hye falou isso, então é pra valer. — Uyun, embora pega de surpresa, aceitou a situação sabendo que ninguém bateria de frente com a tia.

— Não sei por que minha mãe está agindo assim de repente. Passei a vida toda me gabando que nossa família não faz a jesa!

— Ela deve ter algum tipo de plano.

— E o resto de nós acaba sempre se rendendo.

Mas você não dá ouvidos à sua mãe de qualquer modo, Uyun quis dizer, mas mordeu a língua. Depois de certa hesitação, ela perguntou:

— Como está Hwasoo?

— Argh — Jisoo grunhiu. — Acho que ela não anda muito bem. Talvez minha mãe tenha começado isso por causa de Hwasoo.

— O Havaí deve ser incrível. Tenho certeza de que vai ser bom para Hwasoo também.

— Bem... a vovó morou lá por um tempinho quando era mais nova, então acho que essa viagem vai ser marcante para nós.

— Você já pensou em como tudo poderia ter sido diferente se a vovó tivesse ficado no Havaí?

— Pff, a vovó era minúscula, ela teria morrido de tanto trabalhar.

— Mas se ela não tivesse conhecido M&M...

— Daí ela não teria conhecido o vovô e nós não existiríamos.

— Mas ela teria sido feliz.

— Acho que ela teria sido feliz de um jeito ou de outro. Para uma mulher do tempo dela.

Uyun e Jisoo discordavam nesse ponto. Uyun não conseguia acreditar que a avó tinha sido feliz. Ela queria dizer: *Acho que nossas memórias são diferentes. As partes de si que ela distribuiu entre nós*. Mas, de novo, ela mordeu a língua.



Capítulo 2

Gostaria que não falássemos mais sobre Matthias Mauer. Embora eu entenda que as pessoas ainda busquem vestígios de Mauer em minhas palavras, obras, ações e expressões faciais, é tudo em vão. Ele tinha inúmeros problemas além de sua reputação, e o que aconteceu entre nós não foi tão profundamente belo ou terrivelmente infeliz como os outros imaginam. Por que meus esforços abandonar todas essas especulações são infrutíferos? Nunca fui esposa nem amante dele. Para aqueles que questionam se estou “fechando o bico” porque o “usei”, gostaria de lembrá-los do destino do editorialista que escreveu que só cheguei aonde estou por “dormir com homens estrangeiros”. Tenho um excelente advogado e, com a indenização, pude comprar um quadro de que gosto muito.

— trecho de *Parem* de perguntar sobre aquilo que esqueci (1988)

Sentada à mesa de jantar, Hwasoo olhou para o quadro que havia herdado da avó. Uma pequena pintura azul abstrata que

ela encarava uma hora por dia e de algum modo conseguia encontrar um detalhe novo toda vez. Como ela tinha ficado perplexa anos antes quando pesquisou a artista e encontrou a descrição “esposa” antes de tudo. O casamento da artista com um pintor era considerado mais importante do que o fato de ter pintado algo tão grandioso. Hwasoo havia começado recentemente a pensar mais sobre como cada mulher do século anterior devia ter carregado a solidão e o perigo da beira de um abismo em seu coração. Ela queria acordar a avó, que havia falecido dez anos antes, para perguntar como suportara a humilhação constante. Como vivera setenta e nove anos sem que seu coração explodisse em pedacinhos.

Hwasoo sempre chorava ao pensar em uma frase em particular do testamento da avó: *Dê o quadro azul que parece uma coruja para Hwasoo; foi ela quem passou mais tempo sentada diante dele.* Como filha mais velha da filha mais velha, ela era cheia daquela aspereza típica de *jangnyeo* e não tinha sido tão abertamente afetuosa com a avó quanto a irmã, Jisoo, ou a prima, Uyun. Mas sua avó havia notado e se lembrado de qual quadro Hwasoo gostava.

Sua xícara de chá já estava vazia, mas ela não conseguia se levantar e dar os poucos passos para ligar a chaleira elétrica. Mover-se exigia uma quantidade antes inimaginável de energia. Ao meio-dia, Hwasoo se sentia exausta, tornando-se incapaz de mover os dedos como uma marionete de madeira com as cordas cortadas. Embora sua reintegração estivesse próxima, ela ainda não sabia se conseguiria voltar ao trabalho. Sempre que amigos e familiares perguntavam com cuidado se ela queria mesmo voltar ou diziam para não se desgastar demais, ela não queria responder.

Ela queria conversar com a avó. Ninguém além dela. A morte dela tinha parecido certa e real nos primeiros anos, mas então

sua avó pareceu continuar. “Continuar” era uma maneira estranha de dizer, mas, depois que Hwasoo aceitou a morte do corpo da avó, o incorpóreo tinha um ar de continuação. Sua avó era excepcional, mas não universal. Por causa de sua personalidade, ela costumava entrar em conflitos e quase nunca recuava. Recebia ao mesmo tempo o afeto casual do público e a hostilidade persistente de uma pequena minoria. Ela não desapareceria facilmente. Mesmo dez anos depois de sua morte, as pessoas continuavam descobrindo trechos de vídeos antigos dela, que eram vistos de maneiras diferentes de acordo com o zeitgeist em constante transformação.

“Uau, lá está Lady Shim Sisun de novo! Quando ela fez todas essas aparições na TV? Nunca tínhamos ouvido falar dessa.”

Quando a mãe de Hwasoo chamava a própria mãe de “Lady”, era ao mesmo tempo com afeto e uma sensação de distanciamento. Conteúdos recém-descobertos eram compartilhados nos muitos grupos de conversa da família extensa.

“A mãe trabalhou tanto para nos sustentar”, tia Myung-eun digitou. “Escrevendo sem rejeitar nenhum tipo de pedido.”

Hwasoo se deu conta de que sua situação era melhor do que a da maioria das netas do mundo graças às décadas de trabalho árduo da avó. Sua avó tinha deixado vinte e seis livros, além de um número considerável de textos não publicados. Hwasoo queria colocar todos em uma inteligência artificial e conversar com ela, mas essa tecnologia ainda não existia. Ela tentava ler o máximo possível e gostava do efeito de algo como uma conversa.

Considerando que ela tinha apagões várias vezes ao dia, seu ritmo era lento. Traças saíam de dentro dos livros velhos de sua avó e, então, ela tinha que pegar um desinfetante na biblioteca. Não era longe de verdade, mas era longe para Hwasoo. Depois de terminar o quarto livro, ela se perguntou:

Por que vovó não deixou claro que Matthias Mauer era um abusador sádico? Por que não escreveu mais a fundo sobre os acontecimentos que a família sabe? Era porque eram outros tempos? Será que ela se manifestaria se acontecesse agora? Aquele cretino havia atirado uma faca na vovó, pelo amor de Deus. Uma faca de pintura cega, mas ainda assim uma faca – que tinha deixado uma cicatriz do lado de fora do braço. Hwasoo havia visto pouco antes do corpo da avó ser amortalhado. A cicatriz tênue. Com frequência, Hwasoo se demorava pensando sobre a cicatriz que havia sido feita no século XX e perdurado pelo século XXI.

A luz do sol estava se refratando da moldura, e suas coxas haviam adormecido com a xícara de chá vazia diante dela. Hwasoo viu seu reflexo no vidro emoldurado e examinou a cicatriz que se estendia da têmpora até debaixo do pescoço.

Foi a raiva que lhe deu forças para se levantar. Empurrando a mesa, deu um passo lento de cada vez e ignorou o movimento estranho de seus joelhos e ombros. Ela se apoiou na parede para recuperar o fôlego antes de andar até o banheiro.

Hwasoo queria rir das pessoas que falavam para ela não usar a raiva como combustível. *Vocês não sabem de nada*, ela queria dizer em resposta. *Só minha avó e eu sabemos a verdade.*

Esse vigor duraria cerca de dez minutos.



Capítulo 3

ENTREVISTADORA *Quem você mais amou dos três?*

SHIM SISUN *Matthias foi um mentor, não meu amante. Além disso, por que você supõe que só tenho três dentre os quais escolher?*

[Plateia ri]

SHIM SISUN *Em todo caso, não vou dizer, porque eles podem estar ouvindo a sete palmos embaixo da terra.*

ENTREVISTADORA *Então, vou mudar a pergunta. O que você acha que é necessário para um bom casamento?*

SHIM SISUN *Um parceiro sem propensão à violência ou crueldade. Sexo bom.*

[Plateia ri e murmura]

SHIM SISUN *Quê? Por que é engraçado ouvir uma senhora falar “sexo”?*

ENTREVISTADORA *Ah, sra. Shim. [risadas] Não ser violento ou cruel... não é o básico?*

SHIM SISUN *Na realidade, é raro encontrar alguém que faça o básico. Não dá para ter pessoas com arranhões*

e farpas no coração como cônjuges ou sócios. Elas sempre acabam machucando os outros.

ENTREVISTADORA *Então você conhece alguém raro assim... e faz sexo? E a conversa e a compaixão?*

SHIM SISUN *O que há para conversar com maridos? Eles estão sem uma lente. Eles não conseguem ver o mundo como nós vemos. Sexo seguro com alguém que faz você se sentir segura, sexo que só melhora com o tempo – isso é o melhor que eles podem oferecer.*

ENTREVISTADORA *Uma lente?*

SHIM SISUN *Por mais inteligentes e laureados que possam ser, por mais gentis e atenciosos, homens não conseguem ver o que vemos. Conversa, tenho com minhas amigas. Compaixão, também.*

ENTREVISTADORA *Mas então... apenas o físico...*

SHIM SISUN *Buscar tudo em uma pessoa só é um caminho para o fracasso. Não são mínimas as chances de alguém ter todas as características de que precisamos desesperadamente na vida? E, por favor, não subestime o valor de uma relação sexual fabulosa e regular. Poucas coisas são tão eficazes no alívio do estresse. O sexo de qualidade pode fazer você ver cores imaginárias com os olhos fechados e inspirar você a desenhar alguma coisinha em seu diário depois.*

ENTREVISTADORA *E as pessoas que não gostam tanto de intimidade física?*

SHIM SISUN *Não é melhor se casar com alguém apenas se quiser fazer sexo com essa pessoa pelo menos uma vez a cada três dias?*

— transcrição de um evento realizado por *Mulher XYZ* (2003)

— Não é sua sogra?

Enquanto a amiga estendia o celular, Nanjung se preparou para o pior. *O que a mãe falou dessa vez?* Não era a primeira vez que alguém fazia um comentário acerca de sua sogra com um sorriso malicioso.

— Não sei dizer se ela está certa ou falando bobagem — ela comentou depois de ler a entrevista.

As amigas riram. Eram as mães dos amigos de escola de Uyun. Embora as crianças não andassem mais juntas, as mães continuavam a se encontrar regularmente ao longo dos anos.

— Tinha alguma coisa nela de que você não gostasse? Quero dizer, ela não era uma sogra qualquer.

Nanjung parou para pensar por um momento.

— Ela estava sempre envolvida em rumores e disputas, o que me preocupava como membro da família. Fora isso... ela não tinha favoritos, o que tornava mais fácil para mim. Ela não privilegiava o filho em detrimento das filhas, nem os filhos biológicos em detrimento da enteada.

— Parece mais indiferença. Deve ter sido bom.

— Não, ela não era indiferente. Bem, ela era muito absorta no próprio trabalho, mas... meu marido também é assim. Ele puxou muito a ela. A maneira como ela se perdia em pensamentos, depois fazia todo tipo de perguntas aos filhos e netos... não era ruim. Ela não tinha conversas vazias.

— Conversas vazias?

— Sabe, a maioria dos sogros não se importa com a maneira como as noras passam o dia. Mas a mãe tinha interesse de verdade no que eu fazia em meu tempo livre. Que livros eu estava lendo, sobre o que falavam, o que eu pensava deles.

— Você realmente lê muito. É por isso que vocês se davam tão bem.

Nanjung riu. Como ela poderia explicar que seu hábito de leitura voraz tinha sido exatamente a causa de uma discussão acalorada entre ela e a sogra escritora?



Nanjung sempre havia amado livros, mas começou a ler de verdade quando Uyun ficou doente. Os tempos de espera no hospital eram longos, e Nanjung precisava de um lugar para descansar o coração enquanto cuidava da filha doente. Mesmo que quisesse gritar, ela não fazia o tipo de botar para fora de verdade, então, precisava mergulhar de cabeça em outro mundo. Ler livro após livro se tornou seu mecanismo de defesa.

Mesmo depois que Uyun melhorou, ela não parou de ler. Ela não podia relaxar porque havia a hipótese de Uyun sofrer uma recaída ou outras tragédias atingirem sua filha. Nanjung queria destroçar algo, esmiuçar, atacar primeiro. Em vez disso, escolheu ler livros. Deitada no sofá, ela lia tudo em que conseguia pôr as mãos enquanto alimentava, vestia e criava Uyun que havia sobrevivido a uma experiência de quase morte. Para resistir ao impulso de examinar a menina da raiz de cada fio de cabelo até os pés, Nanjung fixou os olhos não na filha, mas nos livros. Não havia nada como um livro para ter otimismo, para focar o presente, para escapar do próprio egocentrismo. *Eu a criei com tanto cuidado, mas ela fugiu para os Estados Unidos...* Nanjung continuou a ler em vez de chorar por Uyun todos os dias. Ela lia e lia. Empilhava torres de livros como se criasse um santuário. Com livros, ela enchia o espaço vazio que sua filha havia deixado.

— Alguém que lê como você está destinado a escrever algum dia — Lady Shim Sisun disse a ela certo dia, repentinamente. Nanjung se perguntou o que a havia levado a essa conclusão.

— Não, não tenho vontade.

— Você lê mais do que eu, não? Se tem *Eingabe*, deve haver *Ausgabe*.

— Como é?

— Onde entra algo, sai algo. É natural.

Sua sogra, que usava palavras em alemão, inglês e até japonês às vezes, tentava prever o futuro de Nanjung como se fosse vidente. Usando alianças empilhadas nas mãos secas, ela visitava Nanjung para bisbilhotar suas estantes. Como se a biblioteca dela fosse o interior de sua mente! Mesmo assim, a nora não tinha como não admirar a propensão da sogra a mergulhar em algo. Nanjung não fazia ideia de como impor limites àquela mulher pequena e obstinada que havia sobrevivido aos horrores sufocantes do século XX, que pensava em diversas línguas.

— Vejo que você lê todo tipo de gênero! Ah, você gosta dessa ensaísta? Eu a conheço! Quer que eu a apresente? Que livro de ilustrações de plantas é esse? Você está planejando decorar o jardim? A Coreia precisa de bons ensaístas de jardinagem também. Não agora, já que a maioria das pessoas vive em apartamentos, mas em breve. Me avise se quiser ler antes de todo mundo. Se Myung-joon estiver mantendo você em casa, vou conversar com ele. Não o criei para ser assim. Não sei a quem ele puxou. Nem o pai dele era esse tipo de homem.

Apesar do que a família chamava de “desfiladeiro em V” entre as duas casas, Shim Sisun ia e vinha sem fazer muito esforço. Ela estreitava os olhos como se tentasse decifrar escritas em ossos oraculares, tentando ler as lombadas dos livros de Nanjung.

— Quando Uyun adoeceu e vocês dois largaram o emprego, pensei que seria você quem voltaria a trabalhar. Não achei que Myung-joon conseguiria. Fiquei bastante triste por ter acontecido o contrário. Você é tão excepcional, enquanto Myung-joon é um covarde...

— Era o que se esperava na época. E pouca coisa mudou desde então.

Myung-joon, talvez ouvindo seu nome, abriu em silêncio a porta de seu escritório. Embora Nanjung enviasse sinais de S.O.S. com os olhos, ele se recostou no batente, sem notar ou fingindo não notar. *Inútil*, ela pensou.

— Escreva alguma coisa. Vamos arranjar um editor para você. Claro, se eu fizer isso, vai parecer uma solicitação oficial, então, vamos precisar ter cuidado. Mas, se eu não mencionar quem você é, será que não poderia fazer uma apresentação casual sobre tal e tal manuscrito?

— Mãe... não tenho vontade de escrever. Já te falei isso diversas vezes. Por que você continua ignorando o que eu digo? Sou grata por ter nos apoiado financeiramente quando Uyun estava doente, e sei que você se preocupa por eu não ter conseguido voltar ao trabalho. Mas gosto de ler; realmente não tenho desejo de escrever. Não sou você, mãe.

— Mas você lê tanto! Você lê tudo! Não, é impossível. Pessoas que leem como ratos de biblioteca estão destinadas a escrever.

— Ratos de biblioteca... — Nanjung perdeu a voz. Ela olhou a biblioteca bagunçada ao redor e pensou na réplica perfeita. — Você não pode fazer essas afirmações. Nada no mundo pode ser afirmado, e não se pode confiar em alguém que faz afirmações assim. Você mesma dedicou um capítulo a isso no seu quarto livro!

Nanjung nunca conseguiria esquecer a expressão vazia que tomou conta do rosto de Shim Sisun. Ela abriu e fechou a boca, olhando fixamente para a nora que citou o livro dela como um contra-ataque. Embora tentasse virar o jogo mais uma vez, a sogra acabou se encolhendo com o ar exausto e deplorável na cadeira de leitura de Nanjung. Nanjung se perguntou se tinha ido longe demais, mas tinha que proteger seu território.

— Não acredito que você venceu minha mãe. Você descobriu uma tática incrível!

Nanjung ficou irritada com o júbilo do marido depois da saída desalentada da mãe.

— Você poderia ter me ajudado. Só ficou parado aí, olhando.

— Como eu poderia ter ajudado? Você se virou bem de um jeito ou de outro. Nem mesmo Myung-hye poderia ter feito isso.

Fingia ser bonzinho, mas no fundo era um covarde – ele merecia que tirassem sarro dele o tempo todo. “Ele?”, pois é. Sem ceder à opinião implacável da esposa, Myung-joon compartilhou essa “tática incrível” com as irmãs, e Lady Shim Sisun tinha que vasculhar seu cérebro para desviar desses ataques feitos com citações durante todas as discussões dali em diante.

— Falei demais. Nem me lembro do que disse exatamente. Fiz tudo aquilo para sustentar vocês e agora, seus ingratos...

— Mãe, você escreveu em um jornal dois anos atrás que os pais não devem em hipótese alguma esperar recompensa dos filhos.

— Cala a boca!

Às vezes, ela tinha um acesso de raiva como esse. Sua sogra nem sempre era culta e refinada. Era fluente tanto em línguas estrangeiras quanto em palavrões, o que talvez desse na mesma.

Nanjung sentia falta dela. A sogra poderia ser cansativa, mas não antipatizava com ela. Às vezes, até simpatizava. Era esse tipo de relação.



— Havai? Vocês vão fazer a jesa no Havai?

A exclamação surpresa trouxe Nanjung de volta ao presente. Ela fez uma nota mental de parar de entrar no piloto

automático durante conversas e olhou nos olhos da amiga que havia perguntado.

— Assim, considerando a família, não acho que vá ser uma jesa típica.

— Você tem que ir?

— Uyun vai.

— Não chore no aeroporto de novo, hein? — Suas amigas não conseguiam esconder a compaixão.

— Não sei se vou conseguir.

Ela via a filha uma, talvez duas vezes ao ano, o que significava que a veria apenas mais umas trinta vezes antes de morrer... a menos que Uyun voltasse ou Nanjung fosse aos Estados Unidos. *Quem não choraria nessa situação?* Nanjung se recostou na cadeira. Na última vez que visitou Uyun, ela havia colocado seis livros grandes na mala, o que fez Uyun balançar a cabeça e encomendar imediatamente um leitor de e-book para ela. Estava na hora de Nanjung tirá-lo da caixa. Na idade dela, ela apreciava a opção de ajustar o tamanho da fonte, mas ainda preferia escolher na sua biblioteca ao acaso um livro que não se lembrava de ter comprado. A embalagem dizia que o e-reader poderia armazenar mais de mil livros. Com tantos livros assim, ela talvez conseguisse fazer uma viagem com as cunhadas.